

Diários de Josué Montello: a escrita diarística de um autor “excessivo”

Saulo Barreto Lima Fernandes¹

Douglas Rodrigues de Sousa²

Resumo

O presente artigo visa discutir acerca do gênero literário “diários”, em específico dos chamados diários “montellianos”. Para tanto, busca-se expor a maneira como o diário, de maneira geral, fora tratado historicamente, bem como as elucubrações a respeito de seu conceito, tendo como base principalmente os estudos de Lejeune (2008). Ao tomar contato com os vastos diários do romancista maranhense Josué Montello, é possível perceber como o autor se consagrou não só como tal, mas um escritor – nas suas palavras – “excessivo”. Os diários são um gênero que comporta os mais variados conteúdos: os de viagens, autobiográficos, políticos, filosóficos e os confessionais, que é justamente o viés problematizado nesta pesquisa. Como suporte teórico nesse percurso são utilizados também autores como Barthes (2004), Blanchot (2005), Fothergill (1974), Bakhtin (1997), Arfuch (2010), Klinger (2012), Doubrovsky (2014), Girard (1963), entre outros.

Palavras-chave: Diários. Josué Montello. Conceitos. Escritor “excessivo”

Data de submissão: junho. 2024 – Data de aceite: dezembro. 2024

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v21i3.15952>

¹ Possui graduação em Direito pela Universidade Ceuma (2013), tendo sido aprovado no XXI Exame de Ordem; Licenciatura, Bacharelado em Ciências Sociais (Antropologia, Sociologia e Ciência Política) - UEMA com o registro profissional de Sociólogo sob o número 0000161/MA, Licenciado em História - UFMA com registro profissional de Historiador, sob o número 0000096/MA e Mestre em Teoria Literária pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. Tem artigos publicados em revistas, sites e jornais. Participou de antologias, coletâneas e livros coletivos auferindo algumas colocações em Prêmios Literários. Membro de várias instituições culturais dentre elas: Sociedade de Cultura Latina/MA, Academia Interamericana de Escritores - AINTE e Academia Internacional de Literatura Brasileira - AILB. Atuou como autor, coautor e organizador em mais de 20 obras científicas, literárias ou ensaísticas. <https://orcid.org/0009-0000-3747-1138> E-mail: saublof@gmail.com

² Formado em Letras - Português pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), com especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira e Africana de Língua Portuguesa pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Mestre em Letras - Estudos Literários pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e Doutor em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília (UnB). Atualmente, é professor da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), atuando na graduação e na pós-graduação em Letras. <https://orcid.org/0000-0003-3109-8074> E-mail: doug.rsousa@gmail.com

1 Diário: considerações gerais

“Não confiei na memória para buscá-los [aspectos da vida pública] dentro de mim. Preferi transferi-los aos registros de meu Diário, para que um ou outro leitor compartisse comigo a sobrevida destas reminiscências” (Montello, 1998, p. 14). Com este registro inicial, além de inúmeros outros observados no decorrer desta pesquisa, muitas delas advindas do próprio Josué Montello (1917-2006), pode-se num primeiro momento ter a percepção da importância que o autor dispensava ao referido gênero diário.

Enquanto imbuído do exercício do “fazer diarístico”, é bastante recorrente deparar-se, na leitura detida de seus diários, as mais variadas razões sobre as quais o romancista justificava o compartilhamento, junto aos leitores, de aspectos íntimos da sua vida de homem público, sobretudo de escritor, como o próprio autor fazia questão de pontuar.

De um modo mais geral, pode-se observar a recorrência de muitas pessoas anônimas ou comuns, da mesma forma que figuras históricas, tais como intelectuais, antropólogos, estadistas e escritores, como no caso de Montello, quanto à produção de diários concomitante aos seus ofícios.

Montello (1998, p. 23) faz questão de sinalizar logo na primeira estrofe de seu *Diário completo*, a tônica de seu conteúdo naquilo que ele considerou “Roteiro de caminantes”, a título de apresentação de seu *Diário* de abertura – o *da Manhã*.

Paralelamente à minha obra de romancista, de ensaísta e de cronista, vim compondo este diário de escritor, sob a forma de registros regulares, nos quais recolhi as reações de minha sensibilidade e de meu espírito, ao longo do caminho que me coube percorrer.

Tratando-se das fundamentações “montellianas”, especificamente em uma leitura crítica de seus diários completos, é possível perceber que elas não se apresentam de maneira tão diversificada, se valendo em alguns momentos de tons metafóricos, poéticos, no sentido de embasar sua produção diarística, conforme observa-se mais detidamente no trecho: “O diário é um largo rio de águas límpidas nas quais se refletem os acidentes de meu curso. Jamais turvei essas águas para acentuar as sombras que sobre elas se projetam. [...] Nossa literatura é pobre em diários” (Montello, 1998, p. 944).

Tal caleidoscópio de noções como essas ajudam a entender como o romancista encarava o gênero, elevando-o a um patamar de relevância no contexto do construto da sua “edificação literária”, sem falar da carência deste gênero em detrimento de outros mais difundidos, em sua visão particular.

Contudo, referindo-se a diaristas de uma forma geral, é bastante frequente perceber os adeptos do gênero relatarem aspectos de seus dias de forma sistemática, abordando desde fatos de seus cotidianos, lembranças, apontamentos variados, bem como diversos

outros temas mais particulares, tais como suas confissões íntimas, retratos históricos e segredos. Tudo isso varia, obviamente, tanto em forma como em conteúdo de acordo com a idade, gênero, estilo, época e propósito de cada autor ou autora.

Neste sentido, vale destacar um dos exemplos mais emblemáticos e considerado uma das maiores obras universais, traduzido em diversas línguas, o livro chamado *Diário de Anne Frank* (1947), no qual uma menina judia narra os horrores vividos para sua “amiga confidente Kitty” (o papel em branco) durante o predomínio do regime nazista na Europa.

Desta forma, consigna-se as palavras de Philippe Lejeune (2008, p. 267), na qual fica patente a transcendência da referida obra ao se evidenciar sua importância geral no sentido de contribuir para:

[...] derrubar de modo brilhante esse preconceito [de que a prática do diário seria própria a temperamentos fracos ou personalidades perturbadas]. É difícil encontrar alguém com maior força de caráter, mais vigor e vontade de viver do que aquela jovem adolescente que se constrói escrevendo seu diário em circunstâncias extremas.

Entretanto, em se tratando de diários “escritos” por “escritores”, não é muito raro perceber que eles acabavam relegados para segundo plano em detrimento das obras que lhes alçaram ao reconhecimento público. Por muito tempo, além da observação cunhada por Lejeune (2008) anteriormente, cultivou-se a ideia de que diário seria um “subgênero” sem forma predefinida, que sua função imediata somente serviria no sentido de perpetuar registros de conteúdos de natureza genérica, de menor importância, de aspectos corriqueiros do dia a dia ou talvez somente como exercício individual de um mero passatempo, tal como se pode constatar na seguinte citação de Maurice Blanchot (2005, p. 270):

O diário íntimo, que parece tão livre de forma, tão dócil aos movimentos da vida e capaz de todas as liberdades já que pensamentos, sonhos, ficções, comentários de si mesmo, acontecimentos importantes, insignificantes, tudo lhe convém, na ordem e na desordem que se quiser.

Notadamente, a partir dessa observação, percebe-se a visão reducionista com a qual o diário era tratado, não afirmando que o autor estaria desqualificando o gênero. Esse distanciamento era endossado tanto pelo senso comum como pela academia e os meios intelectuais, imbuindo ao gênero conceituações superficiais e preestabelecidas, conferindo-lhe concepções “rasas”, “desimportantes”, “inferiores” e “escapistas”.

De certa forma, tudo isso contribuiu para coimar a tal modelo de escrita como algo não digno de análises, tampouco cooperou no sentido de considerá-lo como uma tipologia textual complexa, suscetível a transformações estilísticas, de conteúdo e formatos, afastando-o de quaisquer possibilidades de agregação de valor ao gênero até então.

O pensamento de Blanchot (2005, p. 273) demonstra que:

O interesse do diário é sua insignificância. Essa é sua inclinação, sua lei. Escrever cada dia, sob a garantia desse dia e para lembrá-lo a si mesmo, é uma maneira cômoda de escapar ao silêncio, como ao que há de extremo na fala. Cada dia nos diz alguma coisa. Cada dia anotado é um dia preservado.

No passado, outra ideia acerca de escrever diários vinha do pensamento que o próprio gênero literário seria estritamente feminino, num momento histórico no qual muitas mulheres eram impedidas de exercerem certos protagonismos sociais, comparando-se aos dias atuais. Ainda, acerca dos avanços sociais ao longo das últimas décadas, conforme exposto no artigo *O Diário, um Gênero da Margem*, de Daniel da Silva Moreira (2019), é traçado um panorama de como o gênero vinha sendo tratado desde então, até ser reconhecido como um elemento passível de melhor recepção dos leitores e análise por parte dos pesquisadores:

[...] já há um século e meio, [o diário] é soterrado sob epítetos difamatórios, tratado sucessivamente de nocivo, hipócrita, sem valor, artificial, estéril, feminino, pueril, entediante, onanista, preguiçoso, neurótico, prolixo, narcísico, fracassado, etc. (Stiénon *apud* Moreira, 2019, p. 89-90).

Assim, a partir das discussões expostas, correlacionadas a breves observações sobre o tema e à noção de como os diários eram concebidos, se torna possível perceber o quanto sensível é considerá-lo como algo de menor importância.

Portanto, no sentido de enfatizar seu valor como fonte de estudo nas mais diversas abordagens, são elencados tópicos que visam auxiliar numa melhor valoração de seu conteúdo, tendo como objeto selecionado os escritos diarísticos do romancista maranhense, Josué Montello, tratando do caráter confessional que é bastante comum ao gênero, das problematizações relacionadas aos seus mais variados conceitos e, por fim, dos diários “montellianos”, tendo-os como resultado de suas confissões de escritor “excessivo”.

2 Diário como um gênero confessional

Com os avanços nos mais diversos campos sociais, conjuntamente com o olhar menos hesitante da academia no que tange à concepção do gênero diarístico, qualquer outra ideia acerca de sua menor importância parece não ter mais justificativa, tendo agora os diários amealhado seu devido espaço no meio acadêmico.

Atualmente, o viés de leitura destes escritos é bem mais variado, permitindo que o leitor encontre muito mais do que meros registros do cotidiano do autor, nos quais predomina dentre outros relatos pessoais, registro de fatos históricos, narrativas autobiográficas/intimistas, espaços de memórias, formação intelectual, leituras, processo criativo e, muitas vezes também, sob o contexto mais amplo da chamada *escrita*

confessional, como uma forma de revisitar e “se redimir” com o passado, especialmente entre os predecessores.

Quanto a esse último aspecto, ao examinar historicamente as implicações e tensões entre a confissão relacionada à biografia, especificamente em alguns diários de autores consagrados russos, Mikhail Bakhtin (1997, p. 165) acrescenta que:

No início do Renascimento não é raro que a confissão irrompa numa biografia que não se basta a si mesma. Mas a vitória caberá ao valor biográfico. (É um combate análogo, feito de compromisso ou do triunfo de um ou outro dos princípios, que observamos no diário íntimo tal como ele aparece na época moderna. O diário se inspira quer na confissão, quer na biografia: todos os escritos íntimos, tardios, de Tolstoi parecem-se com a confissão, a julgar pelo que conhecemos deles; o diário de Puchkin é totalmente autobiográfico, como acontece, no conjunto, com o diário entre os clássicos, que nenhum tom penitente vem turvar).

Desse modo, nota-se como Bakhtin (1997), ao correlacionar uma coisa com a outra – confissão e biografia – destaca, na sua concepção, que esta sobrepõe àquela quanto da sua essência, implicando ser assim a confissão um subgênero da autobiografia.

A autora Diana Klinger (2012), de igual forma, endossa o referido pensamento de viés confessional entre os mais diversos agentes do campo literário, destacando o precursor Santo Agostinho ou Agostinho de Hipona (354 – 430), um importante autor clássico cristão, fortemente conhecido por produzir uma obra de cunho estritamente religioso. A autora, ao se referir a uma de suas mais relevantes obras, *As Confissões*, cuja característica principal é inaugurar a chamada “autobiografia espiritual”, atendendo a uma “exigência dogmática de apresentar ante Deus o balanço de todos os atos, pensamentos e intenções da alma” (Klinger, 2012, p. 25).

Essa observação não ficou restrita somente à seara do chamado pensamento católico-cristão. Alguns teóricos entendem que também a dissensão religiosa cristã, iniciada em 1517, a partir da corrente católica apostólica romana (os protestantes), similarmente possuíam forte inclinação ao utilizar o gênero, ainda em desenvolvimento, como uma forma de confissão, conforme pode-se observar nas palavras de Leonor Arfuch (2010, p. 143): “[...] o diário podia ser seu cerimonial, a cena reservada da confissão – tal como a fixara seu ancestral protestante (Pepys, Wesley, Swift, Boswell) –, o ritual do segredo zelosamente guardado – a gaveta escondida, a prateleira, a chave.”

Nesta mesma esteira, agora em sede de seu *Diário do Entardecer*, registrado no ano de 1969, novamente se notabiliza Montello, valendo-se de suas mais vastas, aprofundadas e múltiplas leituras, consigna seu ponto de vista quanto a essa questão. Entretanto, ao final de sua anotação, pareça mais o romancista estar tentado a pacificar tal comparação do que problematizá-la em si.

5 DE AGOSTO

Paul Claudel, segundo Henri Guillemin, dizia que os protestantes são mais inclinados a ter um diário que os católicos. E ainda: seriam bem mais exibicionistas, nas suas obras.

À falta do confessional, em que se aliviariam de suas culpas, recorreriam ao papel da escrita para se confessar.

E Claudel, com todo o seu catolicismo rígido, por que teve o seu *Journal*? E Léon Blois, que teve também o seu, e era um católico ainda mais veemente?

E Julien Green, católico praticante, que soube fazer do diário a grande obra paralela à sua obra de romancista?

A confissão, no meu entender, é emanção da condição humana, quer sejamos católicos, quer sejamos protestantes. Queremos guardar no diário o tempo que vai fluindo, dando complemento à memória, na luta contra o efêmero (Montello, 1998, p. 1064).

No entanto, retomando a observação anterior de Klinger (2012), não deixa igualmente de ser relevante no sentido de que o próprio Montello, diante às muitas outras justificativas, tratou em destacar a referida característica predominantemente confessional em seus próprios escritos diarísticos, conforme perceptível nesta outra breve passagem: “Ao longo deste meu Diário, não chamei para mim, como personagem, o monopólio do palco. Sempre me inclinei para o testemunho, preferindo-o à confissão” (Montello, 1998, p. 14).

3 Conceito de Diários

Ao partir inicialmente às compreensões mais introdutórias, registra-se o pensamento de Robert A. Fothergill (1974, p. 3), que tratou de demonstrar a aceção de diário como aquilo que: “[...] significa o que você pensar que ele significa [...] Em geral, concorda-se que um diário é aquilo que uma pessoa escreve quando ela diz, ‘Eu estou escrevendo meu diário’”. A presente verificação parece ser significativa, pois aparenta o autor querer conferir ao gênero uma certa amplitude quando da sua liberdade conceitual, inferindo uma dada maleabilidade do termo, ao passo que incumbe unilateralmente ao diarista decidir qual denominação ele dará aquilo que está em produção.

Quanto da outra noção, de que os diários – em especial os mais “primitivos” –, geralmente serviam somente como um calhamaço de folhas de papel, com o fito de reduzir a termo coisas corriqueiras, triviais, despretensiosas, sem uma sistematicidade rígida e racional, de certa forma contribuiu para aproximá-lo mais do leitor comum, conferindo *pari passu* ao gênero um caráter um tanto quanto popularesco, recaindo naquilo que se costuma denominar de “literatura maldita” ou “marginal”, “subgênero literário” ou ainda, “subliteratura”.

Adiante outro autor que colabora bastante para esta questão conceitual trata-se do também francês Allan Girard (1963), que em seu trabalho intitulado *Le Journal Intime*, destaca o desprendimento que o exercício de escrever um diário impõem a um diarista

tradicional ou clássico.

Quanto a este aspecto, Girard (1963, p. 3) comenta:

[...] um diário não obedece a nenhuma regra imposta. Seu autor está livre para incluir o que ele quiser, na ordem que desejar, e mesmo sem ordem alguma. A extensão de seu propósito depende do acontecimento, exterior ou pessoal, que ele pôde observar, ou desejar reter como significativo na véspera ou no próprio dia. Ele não se coloca nenhuma das questões necessárias à elaboração de uma obra.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio dos dois autores anteriores, ou seja, no afã de talvez formular um conceito permanente, fechado, definitivo e acessível aos demais públicos, Lejeune (2008, p. 301-302) afirma que “o diário é, em primeiro lugar, uma lista de dias, uma espécie de trilho que permite discorrer sobre o tempo. Mas ele também foi capaz de se transformar em outra coisa”.

Relevante se ater à última observação da citação em que o diário seria capaz “de se transformar em outra coisa” (Lejeune, 2008, p. 301-302), pois a partir de agora nota-se como o dimensionamento dos conceitos vão sendo mais bem problematizados, tornando-os mais elaborados ao ponto de alçar o gênero digno de análises e investigações teóricas.

Buscando, portanto, tecer uma concepção mais profunda do termo em si, inicialmente Lejeune (2008) recorre à etimologia da palavra sem se abster notadamente do desdobramento histórico e linguístico desta questão em vários idiomas, conforme nota-se no destaque do estudioso a seguir:

Em grego, se dizia *efemérides* (de *hemera*, o dia), em latim, *diarium* (de *dies*, o dia). A palavra *diarie* existia ainda no francês antigo, ela desapareceu no século 16, tendo persistido nas outras línguas românticas e no inglês. Recentemente, tomamos emprestado do inglês o substantivo *diariste*, porque nossa língua não tem nenhuma palavra para designar a pessoa que mantém um diário [...] (Lejeune, 2008, p. 259).

Isso visto, em dado momento Lejeune trata de destacar outro aspecto importante para entender como identificar um diário propriamente dito. Quanto ao aspecto formal, há agora uma noção detalhada da caracterização do gênero estudado no sentido de contribuir, ao que parece, para a delimitação conceitualmente do seu termo. Lejeune (2008) deixa clara a importância do texto diarístico vir acompanhado rigorosamente da devida data (dia, mês e ano) encimada, bem como da imprescindibilidade desse quesito no sentido de preveni-lo com vistas a não recair em outra tipologia textual, sobretudo, segundo ele, por conta do risco de se perder a referência do dia registrado.

Lejeune (2008, p. 260) é enfático neste quesito quando menciona:

A base do diário é a data. O primeiro gesto do diarista é anotá-la acima do que vai escrever. [...] Chamamos “entrada” ou “registro” o que está escrito sob uma mesma data. Um diário sem data, a rigor, não passa de uma

simples caderneta. A datação pode ser mais ou menos precisa ou espaçada, mas é capital. Uma entrada de diário é que foi escrito num certo momento, na mais absoluta ignorância quanto ao futuro, e cujo conteúdo não foi com certeza modificado. Um diário mais tarde modificado ou podado talvez ganhe um valor literário, mas terá perdido o essencial: a autenticidade do momento. Quando soa a meia-noite, não posso mais fazer modificações. Se o fizer, abandono o diário para cair na autobiografia.

Outra característica imprescindível para o autor diz respeito à imutabilidade do texto durante o dia ao qual foi registrado, ou seja, para se caracterizar definitivamente um texto diarístico, Lejeune (2008) defende que o teor não pode ser alterado posteriormente aquele dia em que foi iniciado, pois se assim o diarista o fizer, ele poderá perder a maior particularidade de seu escrito que é a autenticidade do momento. Por fim, fica evidente a proposta “lejeuniana” de demarcação de um lapso temporal em que a preservação do conteúdo do registro deve prevalecer (do início do escrito até meia-noite) sob pena de “cair na autobiografia”, como diz no final de seu pensamento.

Essa observação aparentemente confronta o cerne da corrente pesquisa, pois ao considerar o entendimento de Lejeune, não é possível pontuar os diários “montellianos” como tais e sim, somente como um ajuntamento de escritos datados meramente autobiográficos. E de fato também os são, haja vista que partiu do próprio autor a publicação de seus *Diários*, bem como a compilação e organização de tais tomos ainda em vida, podendo ser vislumbrada a aventada afirmação no seguinte registro em seu *Diário da Noite Iluminada*, datado de 2 de novembro de 1983:

Demorada revisão do texto definitivo do *Diário da manhã*, com o qual dou início à publicação do jornal que me permitiu, quase dia a dia, reter o tempo que vivi, nos seus instantes mais significativos. Ao fim da obra, com os cinco volumes compactos de sua estrutura, terei deixado, paralelamente à minha obra de ficcionista e de ensaísta, o fiel espelho de minha vida e de meu tempo.

Todo o meu cuidado, nesta revisão meticulosa, cinge-se à eliminação de tudo aquilo que, no meu texto, possa parecer ressentimento ou amargura. Nada de ajustes de contas. A menos que o registro corresponda à verdade que estaria acima de mim ou me ultrapasse (Montello, 1998, p. 342-343).

Vale frisar, ainda, que em se tratando de um autor compromissado consigo mesmo em sua vocação, fica patente a referida qualidade em face das diversas formas como Montello alicerçava seu empenho ao aprimorar meticulosamente sua arte em praticamente tudo que escrevia. De antemão, antes mesmo de se lançar a um novo projeto, há indícios claros que o romancista buscava se instruir ao máximo naquilo que se propunha a fazer. Primeiramente, se tornava um leitor naquele gênero no qual ele intentou enveredar, partindo a confrontar autores, elaborar ensaios críticos, esboços, requisitar consultas a pessoas próximas (amigos intelectuais ou esposa), à Teoria Literária, apropriando-se de pesquisas e até arquivando temporariamente projetos que ainda não se achavam

suficientemente prontos – no seu entender – para publicação. Dessa forma, enquanto submerso nessa atividade e de tanto se identificar como um estudioso assíduo desse ou daquele gênero, Montello como leitor acaba absorvendo um tipo de aventura, ou seja, o desejo de escrever, conforme preceituou o crítico literário e semiólogo francês Roland Barthes (2004)

Há, finalmente, uma terceira aventura da leitura [...] a da Escritura; a leitura é condutora do Desejo de escrever (estamos certos agora de que há um gozo da escritura, se bem que ainda nos seja muito enigmático). Não é que necessariamente desejemos escrever como o autor cuja leitura nos agrada; o que desejamos é apenas o desejo que o escritor teve de escrever, ou ainda: desejamos o desejo que o autor teve do leitor enquanto escrevia, desejamos o ame-me que está em toda escritura. Foi o que disse claramente o escritor Roger Laporte: “Uma pura leitura que não suscite uma outra escritura é para mim algo incompreensível... A leitura de Proust, de Blanchot, de Kafka, de Artaud não me deu vontade de escrever a respeito desses autores (tampouco, acrescento, como eles), mas de escrever” (Barthes, 2004, p. 38).

Contudo, frequentemente, percepções como essas (de explícitas referências a antecessores) permanecem implícitas na produção literária, especialmente entre aqueles autores que não escreveram sobre si em suas próprias obras ou em outras formas de escritas, tais como crônicas, ensaios ou diários. Isso torna o trabalho do crítico ou pesquisador ainda mais desafiador durante a exegese de seu objeto de estudo ou obra em análise. Após absorver, portanto, toda essa miríade de informações e basear-se em autores de referência nesse tipo de escrita, Montello partia com uma ideia inicial clara em mente, de forma resoluta e esmerada, para a sua composição literária.

Outra ressalva a se fazer fica por conta do desvelo quando da finalização de suas obras para publicação do livro físico junto às editoras. Não só os romances, como também seus diários, foram alvos constantes de meticulosas revisões de forma, de conteúdo, de aprimoramentos e quem sabe até de acréscimos ou supressões como o diarista maranhense fez questão de frisar no ano de 1967, em seu *Diário do entardecer*:

24 DE OUTUBRO

Se tens pressa de guardar no papel da escrita a vida que Deus te deu, escreve um diário. Põe nele tudo, inclusive as paixões. Mas trata de guardá-lo debaixo de chave. Deixa passar o tempo. Um belo dia, relê o que ali deixaste. Se ainda tiveres as mesmas paixões, nada publiques. Dá mais tempo ao tempo.

Quando puderes sorrir de tuas iras e paixões de outrora, reabre a gaveta, passa a limpo o diário. Já podes publicá-lo – expurgado (Montello, 1998, p. 964).

Isto posto, improvável não associar os diários (assim como as cartas, ensaios, crônicas) a uma forma de escrita autobiográfica, que por si só é considerada um gênero autônomo de conceituação delimitada e própria. Lejeune (2008, p. 71), por exemplo, a define como “[...] a narrativa retrospectiva em prosa que alguém faz de sua própria

existência, quando focaliza especialmente sua história individual, em particular a história de sua personalidade.”

Nesse sentido, Leonor Arfuch (2010, p. 143) aparenta igualmente estar de acordo:

Se a autobiografia pode se desdobrar dilatadamente da estirpe familiar à nação, o diário íntimo promete, em vez disso, *a maior proximidade à profundidade do eu*. Uma escrita desprovida de amarras genéricas, aberta à improvisação, a inúmeros registros da linguagem [...] O diário cobre o imaginário de liberdade absoluta, cobiça qualquer tema, da insignificância cotidiana à iluminação filosófica, da reflexão sentimental à paixão desatada [...] (grifo nosso).

Diante das pontuações feitas, constata-se como o diário assume uma posição destacada nesse contexto íntimo e autobiográfico, que por sua vez, não configura um atributo de tamanha envergadura alijado de reflexão por parte também do pensador maranhense. “Porque só num contexto de diário diremos realmente o que somos, o que fomos e o que sonhamos ser. Com as nossas lutas, os nossos anseios e as nossas mais puras ilusões” (Montello, 1998, p. 26).

Da mesma forma entende-se que não deixar de fazer referência nesta discussão questões concernentes a autoficção. Para tanto faremos uso das considerações o escritor e teórico literário francês que Serge Doubrovsky considerado percussor do tema em questão. Segundo (Doubrovsky, 2014, p. 122) não deve haver muito essa distinção entre ambos “[...] pois, autobiografia ou autoficção, a narrativa de si é sempre modelagem, roteirização romanesca da própria vida.” Com este pensamento Doubrovsky demonstra que ao problematizar os termos há muito mais aproximações do que divergências entre si. E isso de certa forma cabe também quando correlacionamos ao gênero aqui estudado – os diários. Ou seja pelo fato dos diários serem um gênero essencialmente autobiográfico como tal isso não o alija de ser considerado também uma autoficção pois como ainda entende o pesquisador francês toda “[...] autobiografia, qualquer que seja sua ‘sinceridade’, seu desejo de ‘veracidade’, comporta sua parte de ficção” (Doubrovsky, 2014, p. 121).

Assim sendo, diante dos mais diversos conceitos expostos, um diário – numa compreensão geral – é aquilo no qual o diarista escreve sobre si, seus pensamentos mais intrínsecos, sua trajetória de vida de forma cronológica ou não, preservados na memória recente ou remota. Em outras palavras, é o gênero que dá voz ao “eu” e no qual começa a predominar a redação em primeira pessoa, ato contínuo ficando cada vez mais recorrente o uso do pronome possessivo “meu” ou “minha” em detrimento dos demais. Isso acaba por refletir linguisticamente o âmago do diarista nas suas mais recônditas apreensões, como uma forma de construir uma “ponte” entre o “eu” em interlocução com o mundo exterior representado pelo receptor, conforme pode-se compreender nas palavras de Montello (1998, p. 13) ao justificar o arremate e a publicação completa de seus escritos diarísticos.

Já era tempo de dar unidade ao conjunto dos meus Diários sucessivos, já que não me limitei a recolher as imagens que me são privativas, mas também as que refletem meu tempo, meu mundo, minhas lutas, como espelho ao longo dos mil caminhos. Os livros que escrevi, os livros que li, os amigos, os companheiros com quem convivi, os acontecimentos históricos que testemunhei, as tribulações em que me vi envolvido, aqui encontram o seu registro, o seu momento, o seu testemunho, na sucessão de emoções queurgia captar e recolher.

Desta feita, todas estas questões apresentadas devem convergir no sentido do conceito “lejeuniano” de diário devendo, portanto, tais registros observarem a égide de uma determinada data devidamente consignada, ficando ao encargo do diarista o cerne daquilo que ele anotará posteriormente a ela. Investigar acerca de sua trajetória intelectual (autores prediletos, influências de leituras, formação clássica) e um possível desdobramento desse fator e outros em face das “urdiduras” em seu intrincado processo de criação ficcional romanesca (fazer literário), o estudo acerca dos diários de Josué Montello permite as mais diversas análises diante de sua vasta amplitude de conteúdo.

4 Diários de um escritor “excessivo”

O leitor que se depara com os escritos não ficcionais de Josué Montello, observa que o autor se dedicava em legitimar sua condição como um autêntico “erudito”, conhecedor da “boa literatura” e particularmente, um “homem de letras”. Tal aspiração originou-se ainda em tenra idade marcada devido a constantes percalços pessoais.

Ao se submeter a sua saga literária pessoal, Montello dispunha da derradeira consciência que havia atraído para si todos os ônus e bônus que a vida de literato impõe a quem se propõe – por livre e espontânea vontade – a enveredar por este caminho. As renúncias sociais, o retraimento intelectual, a abdicação financeira, a dedicação quase que exclusiva ao fazer literário, são alguns exemplos imediatos dos encargos inerentes a um escritor prolífico de qualidade. Além disso, considerava-se o bom relacionamento que a família Montello gozava perante a conservadora sociedade ludovicense no início do século XX.

Poderia ser reconhecido como mais um proeminente jurista, político, jornalista, e até mesmo um pastor protestante como sonhava seu pai, o diácono presbiteriano Antônio Bernardo Montello. Entretanto, nada dessas coisas faziam muito sentido para Montello. Sabia que havia algo muito maior que tudo isso. Incomum encontrar, sobretudo entre os autores de seu tempo, quem mais tenha se dedicado ao contínuo aprimoramento da sua arte. Montello rechaçava a ideia de que ao adentrar no campo literário seria somente só mais um; mas um escritor de excelência, completo no sentido estrito da palavra.

Em se tratando do universo da prosa, as obras de Montello permeiam pelos mais variados gêneros, investidas muitas vezes, em algumas delas no papel de crítico face a sua

dedicação na compreensão fiel dos textos literários clássicos aos quais sempre buscava manter contato, em detrimento ao que a vida literária poderia oferecer de forma superficial e imediata.

Ao classificar as categorias de escritores, Montello (1998, p. 13) fornece indícios claros de qual tipo deseja ser lembrado: “Dize-me a experiência que há três tipos de escritores: os que optam pela literatura, de modo exclusivo; os que preferem a vida literária, quase nada dando de si como homens de letras, e os que se dividem entre a literatura e a vida literária.”

Montello parece se inserir no último grupo, embora tenha sido a escolha exclusiva pela literatura a opção mais manifesta em seu desígnio.

Em seu *Diário de Minhas Vigílias* é dito:

12 DE ABRIL [DE 1987]

Há escritores que, entre a literatura e a vida literária, fazem a sua opção por esta última.

Outros, mais eficazes, e em menor número, dão preferência à literatura propriamente dita (Montello, 1998, p. 559).

Diante de seu incondicional “chamado” e de fato, concluído o “fecho” do conjunto de obra como diz, pode-se deduzir que Montello atingiu seu objetivo com maestria se forem levados em conta os prêmios recebidos, os diversos estudos científicos, bem como as mais variadas críticas que sua obra tem suscitado. Foi fiel a sua missão, evocando a sua vocação conforme consignado em seu *Diário da manhã*: “[...] Tenho um objetivo claro, que está na própria essência do meu ser: o de preservar, nesta altura da vida, minha vocação de escritor. Para isso nasci. E disso hei de prestar contas a Deus, na hora derradeira” (Montello, 1998, p. 29).

De fato, Josué Montello fora escritor, mas não um escritor qualquer, mas como expresso em suas palavras um “escritor em excesso”. Ou seja, em todas as fases e diante de toda a sua trajetória de vida, sempre esteve diretamente ou indiretamente envolvido em algum projeto de escrita ou produção literária *per si*.

Como dito, na passagem da infância para adolescência, Montello experimentou privações de ordens diversas que de alguma forma influenciaram na sua formação como leitor “ato contínuo”, como prosador refletindo, em certo sentido, alguns desses infortúnios na sua obra ficcional.

Por influência paterna, imerso imperativamente na vida religiosa protestante, as insônias constantes, o grave problema de saúde seu e de sua irmã, a impossibilidade de falar em decorrência disso e o medo da morte, tudo isso confluía para a formação de Montello como leitor e um pretense iniciante no mundo da escrita. Tanto a “excessividade” imposta pela vida religiosa como a “excessividade” imposta pela doença, contribuíram para a “excessividade” como leitor e posteriormente como escritor, ficando registrado todo esse

contexto no extenso trecho do *Diário da Madrugada*, incomum para o padrão de escritos diarísticos mais concisos.

10 DE DEZEMBRO [DE 1994]

As primeiras hemoptises, dando-me a certeza de que minha vida chegara a seu termo, com a repetição do martírio de Elisabeth, me proporcionaram a mudez providencial. Eu devia falar o menos possível para não tossir: se tossisse, talvez sobreviesse a nova golfada de sangue. [...]

O dr. Matos Carvalho, futuro governador do Maranhão, e que me atendeu na manhã seguinte, impôs-me falar o menos possível para que as hemoptises não se repetissem. E vieram, embora atenuadas por meu silêncio obstinado. E foi essa recomendação médica que me obrigou ao silêncio. Eu, alarmado, exagerei a prescrição. Hoje reconheço que foi bom que isso acontecesse. Assim como sei falar, sei ficar calado. Em vez de tagarelar em voz alta, tagarelo com a pena na mão, escrevendo. [...]

O escritor excessivo que hoje sou, talvez tenha tido essa origem. Em vez de falar, conversava com o papel. Ao mesmo tempo que se acentuava em mim o hábito de ler em silêncio, isolado a um canto, vivendo outras vidas na leitura dos romances românticos que constituíam a pequena biblioteca de minhas irmãs. E como a biblioteca de meu pai, quase sempre fechada à chave na sua única estante, era constituída por obras de doutrina protestante, devorei as biografias de Lutero e Calvino, além de enfronhar-me na polêmica aberta por um livro famoso do gramático Eduardo Carlos Pereira, *O problema religioso na América Latina*, para ler depois, já por minha própria iniciativa, a resposta do padre Leonel Franca a esse livro (Montello, 1998, p. 1115-1116).

Porquanto, pode-se perceber como todo esse cenário contribuiu para tornar Montello no chamado “escritor excessivo”. Uma vida fatalmente “excessiva” em seus percalços impingiu aquele núcleo familiar, em especial ao jovem Montello, um destino incomum para uma família conservadora cristã até então fadada à perfeita normalidade para os padrões da época.

Em face das séries de experiências e vivências nada acolhedoras, por certo, acabou por se manifestar na *psiquê* “montelliana”. Era como se Montello vivesse submerso em um constante sentimento de fuga em virtude de um sufocamento provocado por todo esse excesso determinado pelas circunstâncias, influenciando diametralmente no contexto da sua formação como diarista, escritor e, por conseguinte, na sua criação romanesca.

Considerações finais

O presente trabalho buscou explicitar a obra de Josué Montello no que compete seus escritos ditos “diários” e, por consequência, demonstrar o quanto este gênero, por muito tempo considerado inferior por outros autores e até mesmo pela academia, ocupou grande parte do conjunto da obra deste renomado escritor maranhense.

Assim, estudar um gênero desconhecido por muitos, por vezes subestimado por outros, torna-se um enorme desafio, considerando ainda a escassa bibliografia existente a

fim de embasar pesquisas mais aprofundadas.

Para tanto, o estudo considera importante entender teoricamente as discussões que giram em torno do gênero, mais precisamente no que tange ao conceito de diário, o que pode ou não ser considerado como um diário, para qual público é dirigido e quais seus objetivos.

Apesar da dificuldade em encontrar estudos acerca do gênero em si e mais ainda, a respeito de diários de escritores, entendendo desta forma que a academia pouco tem se esmerado nestes trabalhos, importantes nomes fizeram considerações positivas a respeito deles tais como Blanchot (2005), Lejeune (2008), Klinger (2012), entre outros.

Estudos como destes autores, de certa forma, contribuem para desmistificar a noção de subgênero atribuída à escrita de diários e, aos poucos, esse antigo pensamento vem perdendo força, dando lugar ao reconhecimento dos inúmeros papéis que a escrita diarística pode assumir.

Em que pese todos esses empecilhos explicitados, o estudo constata que Montello figurou como seu principal entusiasta, haja vista o esmero pessoal na busca em se tornar um intelectual completo, em outras palavras, “excessivo”, tomando os rumos da própria vida intelectual e controle da própria obra.

[...] Bendigo o destino que me fez como sou. Fiel a mim mesmo. Urdindo os meus caminhos. Com esta disposição natural para compreender o mundo em meu redor e sempre sonhando aprimorá-lo. *Sabendo desde cedo que nasci para ser escritor. Empenhando-me em realizar uma obra que exprimisse a mim próprio, no plano superior da palavra escrita como obra de arte.* Com o gosto de minha paz e de meus livros [...] (Montello, 1998, p. 1239, grifo nosso).

Por fim, pode-se notar como o “papel em branco”, assim como “Kitty” foi para a menina judia Anne Frank, insurge para o romancista como o único “companheiro”, a tábua de salvação derradeira com a qual poderia se derramar com o fito de minimizar suas dores existenciais e como forma de escapar não só da solidão como também da loucura, sem perder de vista a devida atenção ao destinatário final de toda essa combinação de conjunturas, o leitor.

Eis portanto, a importância do presente estudo acerca do conceito de diários e em linhas gerais, os motivos pelos quais – além da sua vontade própria – Montello, um autor maranhense que se confessa um “escritor excessivo”, juntamente com os seus diários, confluíram para explicitar aquilo que foi capaz de influenciar toda a sua vida: a sua vocação como escritor valendo ainda salientar que estudos como este podem contribuir de forma essencial para que outros diários de escritores sejam descobertos e valorizados, tornando cada vez mais o gênero reconhecido no meio literário e acadêmico.

Diaries of Josué Montello: the diary writing of an “excessive” author

Abstract

This article aims to discuss the literary genre “diaries”, specifically the so-called “Montellian” diaries. To this end, we seek to expose the way in which the diary, in general, has been treated historically, as well as the speculations regarding its concept, based mainly on the studies of Lejeune (2008). When encountering the vast diaries of novelist Josué Montello, from Maranhão, it is possible to see how the author established himself not only as such, but also as an – in his words – “excessive” writer. Diaries are a genre that contains the most varied content: travel, autobiographical, political, philosophical, and confessional, which is precisely the bias problematized in this research. As theoretical support in this journey, authors such as Barthes (2004), Blanchot (2005), Fothergill (1974), Bakhtin (1997), Arfuch (2010), Klinger (2012), Doubrovsky (2014), Girard (1963), among others, are also used.

Keywords: Diaries. Josué Montello. Concepts. “Excessive” writer

Referências

- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo, Martins Fontes, 2005.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004
- DOUBROVSKY, Serge. **“O último eu”**. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Org.). *Ensaio sobre a autoficção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- FOTHERGILL, Robert A. **Private Chronicles: A Study of English Diaries**. London, New York, Toronto: Oxford University Press, 1974.
- GIRARD, Alain. **Le journal intime**. Paris: Presses universitaires de France, 1963.
- KLINGER, Diana. **Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica**. 2ª ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.
- LEJEUNE, Philippe. **O pacto biográfico: de Rousseau à Internet**. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- MONTELLO, Josué. **Diário completo**. 2 vols. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.
- MOREIRA, Daniel da Silva. **O diário, um gênero da margem**. Terceira Margem, Rio de Janeiro, Ano XXIII, n. 39, janeiro-junho, p. 89-98, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/15353/13582> Acesso em: out. 2022.